

EMÍLIA SNETHLAGE: NARRATIVAS DE CIÊNCIA E LITERATURA NA AMAZÔNIA (1907)

Leila Mourão Miranda*

RESUMO: O texto discute as atividades da naturalista ornitóloga Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage no Museu Paraense Emílio Goeldi, Instituição onde ocupou diversas funções durante os anos de 1905 a 1921, e por meio da qual se tornou a primeira mulher a dirigir um Museu na América Latina. Nascida na região da antiga Prússia, Emilie Snethlage enfrentou a discriminação por ser mulher e ter nacionalidade alemã, durante a Primeira grande Guerra, e como mulher cientista, enfrentou, com galhardia e ironia, discriminações de gênero. Viajou pela Europa, realizou trabalhos de campo em quase todas as regiões da Amazônia paraense, elaborou relatórios sobre essas viagens e publicou importantes trabalhos no Brasil e no exterior. Suas narrativas de viagens, ainda que técnicas, destacam-se pelo uso da prosa nos relatos sobre o seu cotidiano de pesquisadora. São narrativas do cotidiano das atividades de uma cientista estrangeira, que realizou pesquisa documental e de campo e as relatou por meio de uma escrita que transita entre a literatura e as regras e normas da Ciência Natural, sem perder a essência da informação técnica na forma literária.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher cientista. Discriminação de Gênero. Amazônia.

EMILIA SNETHLAGE: NARRATIVES OF SCIENCE AND LITERATURE IN AMAZONIA (1907)

ABSTRAT: The text discusses the activities of the naturalist and ornithologist Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage at Museu Paraense Emílio Goeldi, where she held innumerable positions between 1905 and 1921, becoming the first woman to run a museum in Latin America Born in the old Prussia region, she faced discrimination for being a woman and German during World War I, and a scientist woman. Emília Snethlage faced with gallantry and irony gender discrimination. She travelled through Europe, performed field works in almost all regions of the State of Para Amazon, elaborated reports of these trips and published important papers in Brazil and abroad. Her travel narratives, although technical, stand out for use of prose in her daily life reports. They are narratives about the daily activities of a foreign scientist who performed both field and documentary research and reported them in a written form that moves between literature and the rules and norms of Natural Science without losing the essence of the technical information in literary form.

KEYWORDS: Scientist woman. Gender discrimination. Amazon.

EMILIA SNETHLAGE: NARRATIVAS DE CIENCIA Y LITERATURA EN AMAZONIA (1907)

RESUMEN: El texto analiza las actividades de la ornitóloga naturalista Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage en el Museu Paraense Emílio Goeldi, donde desempeñó diversas funciones en esa institución entre 1905 y 1921, convirtiéndose en la primera mujer en dirigir un museo en América Latina. Nacida en la región de la antigua Prusia, se enfrentó a la discriminación por ser mujer, tener nacionalidad alemana durante la Primera Guerra Mundial y como científica. Emilie Snethlage enfrentó con gallardía e ironía la discriminación de

* Professora titular da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará.

género. Viajó por Europa, realizó trabajo de campo en casi todas las regiones de la Amazonía paraense, escribiendo informes de sus viajes y publicando notables trabajos en Brasil y en otros países. Sus escritos, aunque técnicos, se destacan por el uso de la prosa cuando reflexiona sobre su vida cotidiana como investigadora. Son narrativas sobre sus actividades como científica extranjera, que realizó investigaciones documentales y de campo y las relató en textos que transitan entre la literatura y las reglas y normas de las Ciencias Naturales, sin perder la esencia de la información técnica en forma literaria.

PALABRAS CLAVE: Mujer científica. Discriminación de Género. Amazon

1 INTRODUÇÃO

Perrot (2005, p. 9) afirma que uma importante e inquietante mudança ocorrida nos espaços públicos, em especial nos cidadãos oitocentistas, foi “a irrupção de uma presença e de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos”, ou pouco familiares. Som “que mudou o horizonte sonoro” naqueles e em outros lugares. Mas também ressalta a existência de “muitas zonas mudas no que se refere ao passado” e às mulheres, configuradas em processos históricos nos quais a partilha desigual de traços, de memórias e da história as suprimiu ou omitiu por diversas razões, colocando-as no limbo dos arquivos e da historiografia, pois isto convinha à sua posição sociocultural secundária e subordinada¹.

O silêncio sobre as mulheres, então reduzidas a uma segunda categoria da espécie humana, localizando-as em uma obscuridade fictícia, voltada à reprodução e aos acontecimentos, era e é um mandamento reiterado, ao longo dos tempos, pelas religiões, pelos sistemas políticos e pela ciência. A justificativa para tal atitude derivava da sua qualificação, pela ciência e pela cultura, como um gênero humano frágil.

Segundo Colling (2004), há uma confusão proposital na histórica (des)qualificação das mulheres, pois, biologicamente, a identificação entre nascituros era e é feita pelo sexo e não por gênero: “falar de gênero em vez de sexo indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política” (COLLING, 2004, p, 29).

Desde muito cedo as mulheres demonstraram que “ser homem/ser mulher é construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos”, e isso não passa de um estereótipo universal desqualificador (COLLING, 2004, p. 29). Elas não respeitaram essas injunções, pois, em suas ações de necessidades e resistências como sujeitas de suas histórias, foram trabalhar nas fábricas e indústrias, fizeram greves,

¹ A jurista Florisa Vercci informa que as leis ibéricas, que orientaram a conquista e a colonização no Brasil, qualificavam a mulher como pertencente ao gênero *imbecilitus sexu*, ao lado das crianças, dos doentes e dos incapazes.

movimentos sociais diversos, atos, documentos e passeatas pelo sufrágio universal; foram para as Academias, salões e até mesmo para os Parlamentos. Mas não somente isso: viajaram, caçaram, escreveram, pintaram e pesquisaram, alçaram-se às categorias de letradas - literatas, artistas, jornalistas, entre outras, porém, principalmente cientistas. Estas últimas foram poucas no mundo oitocentista, mas estiveram à frente de importantes pesquisas e instituições científicas, a exemplo da naturalista Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage, ou simplesmente Emília Snethlage, como se tornou referenciada.

Emília Snethlage estudou, viajou e desenvolveu pesquisa na Amazônia paraense desde o ano 1905 a 1921. Em circunstâncias regional e internacional críticas, assumiu a direção do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) a partir do ano 1914 a 1921, haja vista o período internacional conturbado pela Primeira ‘Guerra Mundial’, que ressoou na vida desta mulher cientista.

Ao realizar a pesquisa intitulada “Mulheres nas ciências na Amazônia Paraense” como derivação do projeto da investigação “Maneiras de viver e representar a sociedade e a natureza na Amazônia paraense”, no início da República, optei por utilizar os acervos do MPEG, a mais importante Instituição científica na região, de então.

Localizar as mulheres dedicadas aos diversos afazeres científicos que atuaram no Museu Paraense Emílio Goeldi, na transição do século XIX para o XX, a fim de averiguar suas inserções na categoria trabalhadora intelectual, foi surpreendente para mim, não pelo número de mulheres, pois localizei apenas quatro: a ornitóloga Emília Snethlage, Anna de Aragão Carreira, Abigayl Esther de Matos e Ottília Muller. Suas funções eram distintas, mas definidas com base em critérios relacionais de gênero vigentes à época, registrados em relatório no Boletim do Museu de 1909. Anna e Abigayl aparecem no texto do relatório administrativo, que informava a exoneração do Oficial da Secretaria, o Sr. José Lobo Pessanha, a seu pedido. Os argumentos utilizados para a escolha das duas mulheres são relevantes, pois afirmam a condição social de discriminação das mulheres, como pessoas e trabalhadoras de segunda categoria:

[...] o governo de acordo com uma indicação anteriormente feita pelo meu ilustre antecessor, resolveu substituir aquelle funcionário por **dois oficiais de segunda categoria**, permitindo assim obter maior somma de trabalho sem acréscimo notável de despesas. E foram nomeadas para os dois novos lugares, D. Anna de Aragão Carreira e D. Abigayl Esther de Matos, sendo esta encarregada especialmente dos serviços da Secretaria e da biblioteca, enquanto que àquela ficou confiada a confecção de rótulos e outras escrituras que exigem uma mão habilitada na caligrafia (BOL. MUS. PAR. EMÍLIO GOELDI, 1910, p. 4-5).

Emília Snethlage chegara da Europa em 1905, o mesmo ano em que foi designada para ocupar a função de assistente de zoologia do Museu; é sobre ela e seu trabalho que trata o presente texto. Ottília Muller era professora particular e foi contratada, inicialmente, para substituir os dois oficiais (D. Ana e D. Abigayl) em caso de necessidade e, posteriormente, para organizar o Catálogo de fichas e folhas separadas para a Biblioteca.

O Museu Goeldi, à época, tinha como atividade fundamental a pesquisa científica nas áreas das ciências naturais, mas também foi o lar de cientistas e de suas famílias, entre os quais, Emílio Goeldi e sua esposa Adelina Meyer, Jackes Huber e sua esposa Sophie Muller, Rodolpho Siqueira Rodrigues e sua esposa Abigayl Esther de Matos, Adolpho Duck e Emília Snethlage. Tal costume fora orientado pela ideia de instituir uma ‘colônia de cientistas’, já em moda na Europa (BOL. MUS. PAR. EMÍLIO GOELDI, 2013, p. 221).

Durante o período de pesquisa no acervo do Museu sobre as mulheres dedicadas aos fazeres científicos naquela Instituição, no início do século XX, localizei relatórios, publicações de Emília Snethlage e fotos de mulheres que ali atuaram ou viviam. Ao examinar as fotografias, deparei-me com a foto de uma mulher sentada em um troco caído, no meio de matos, segurando uma espingarda. Causou-me estranheza e curiosidade ver a imagem de uma mulher portando uma arma com a qual apresentava familiaridade. Ela se vestia com simplicidade: vestido de saia longa, de cor clara, e chapéu; sua aparência física era sóbria. Ao seu redor, havia outros troncos de diferentes grossuras e tamanhos, também caídos ao chão. Dois homens a acompanhavam, de pé, um pouco à sua frente, mas em plano abaixo do que ela se encontrava. A foto estava identificada como “Imagem do arquivo pessoal da família Snethlage”. O título da foto era “Emília e sua espingarda, com dois guias durante pesquisa de campo”.

Apesar de se considerar que a fotografia, como fonte histórica, não propicia noção geral sobre o que mostra, embora encerre elementos pertinentes, a imagem referida se apresenta como um meio condensado de aspectos que podem iluminar, por exemplo, mediações na recuperação da memória dos afazeres das mulheres naquela Instituição científica, na medida em que apreende elementos de sua especificidade. Olhar, ver e pensar são ações intrínsecas e historicamente inseparáveis de quem observa, e a fotografia não é apenas uma forma de expressão, é também um meio de informação e comunicação, pelos indícios nela presentes. O primeiro procedimento para sua análise é a identificação de uma pequena parcela dos registros que compõem a sua existência (CIAVATTA, 2002, p. 18).

A foto-imagem em questão configurava ideias de paisagem, mato e pessoas, ainda que em destaque estivesse a mulher com a espingarda apoiada sobre as pernas. A sutileza estava no fato de a mulher e os troncos se destacarem na imagem. O retrato/imagem de mulher com arma em mãos não era comum, à época, na Região Amazônica, motivo pelo qual despertou minha atenção e me deixou curiosa.

Eu já havia lido sobre de Florence Dixie e seus rifles de caça na Patagônia, uma exceção à regra geral em relação às mulheres viajantes pelo mundo de então (DIXIE F., *Através de la Patagonia*, 1996). De volta à foto-imagem, iniciei um estudo sobre Emília, a mulher da foto. Quem era e o que fazia aquela mulher? De onde era? O que fazia com a espingarda? Onde atuava? As respostas sobre essas questões foram surgindo quando percorri outras imagens e acessei a documentação relacionada à foto, atenta à datação nelas constante.

A investigação preliminar produziu alguns resultados: a mulher da foto-imagem era Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage, que se tornou conhecida como Emília Snethlage ou a “senhorinha doutora”, nascida em 13 de abril de 1868, em Kraatz (na antiga Prússia), que compõe a atual cidade de Gransee, no distrito de Oberhavel, em Brandenburg, Alemanha, ao norte de Berlim. Doutora em ornitologia viera trabalhar no Museu Paraense a convite de Emílio Goeldi no início do século XX. Chegara em 1905 e, nesta Instituição, ocupou diversos cargos: assistente de Zoologia de Emílio Goeldi; chefe da Seção de Zoologia; e diretora do Museu, além de pesquisadora. Permaneceu trabalhando por cerca de dezesseis anos (1905-1921) nesta Instituição. As ciências naturais era ainda a área predominante e preeminente nas atividades do Museu Goeldi na época em que Emília permaneceu como cientista. Transferiu-se para o Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1922.

Emília Snethlage era especialista em aves (ornitóloga), mas o conjunto de seus trabalhos revela também sua atenção à etnologia, botânica, hidrologia, entre outras áreas de estudo. Segundo Sanjad (2013), as atividades que foram desenvolvidas por Emília no MPEG, ao longo de dezesseis anos, possibilitaram múltiplos estudos em diversas perspectivas: gênero, tradições e estilos científicos, relações internacionais e fronteiras, além de estudos em ornitologia. Este historiador informa que Emília copilou dados não sistematizados, fez inventários faunísticos pioneiros, descreveu sessenta espécies e subespécies, estabeleceu as bases da biogeografia de aves no Brasil, além de importantes relatórios sobre suas viagens.

Os destaques da documentação escrita por Emília, para a minha investigação, foram os relatos sobre as suas expedições, em especial a do rio Tocantins, realizada em 1907, e a do Xingu e Tapajós no Pará, em 1909. Nesses relatos de viagens, ela elaborou ‘prosas’ que revelam uma composição literária sobre paisagens, rios, gentes, roças, animais e alimentos. A

sensibilidade, emoção, sociabilidade e poética que adotou na linguagem para narrar, aparentemente, destoava da técnica de narrativa que se esperava do ‘cientista naturalista’, de então. Sua história a revela como uma viajante, inicialmente pela Europa e, depois, pela Amazônia. Era uma das chamadas mulheres trotamundos, ou seja, mulheres viajantes.

2 AS TROTAMUNDOS

No século XIX, mulheres cientistas, esposas de cientistas, outras profissionais e/ou aventureiras viajaram pelo mundo, pela América do Sul e pela Amazônia, relataram e construíram imagens em textos, pinturas e fotografias acerca de suas percepções, experiências e observações. Embora isso não fosse novidade, estas atitudes revelam ações de resistência e ousadia de muitas dessas mulheres. A título de exemplo, cito algumas viajantes cujos trabalhos, já conhecidos, resultaram em certa expressão de ciência e/ou arte, de acordo com as minhas leituras: Maria Graham, de origem inglesa, era literata e desenhista, viajara pelo Chile e pelo Brasil (1823); Flora Tristan, francesa, foi jornalista e escritora, percorreu áreas do Peru (1838); Marianne North, inglesa, era botânica e pintora, veio ao Brasil e ao Chile (1872-1873); Florence Dixie, escocesa, era escritora, esportista, enfermeira e algumas vezes correspondente de guerra, percorreu a Patagônia austral (Chile), passou pelo Brasil, e por praticar caça, andava armada com rifles e acompanhada de cães de caça (1878/1879); Marion McMurrough Mulhall, migrante irlandesa era jornalista e escritora, viveu na Argentina por vinte e cinco anos, viajou por aquele país e pelo Brasil, país no qual visitou o Mato Grosso e a Amazônia (1868-1881); Elizabeth Agassis, norte-americana, educadora e escritora, em companhia de Louis Agassis percorreu a Região Amazônica como assistente ‘escriva’ de Louis (1895-1896); Marie-Octavie Otille Coudreau, ou Otille Coudreau, como se tornou conhecida no mundo das letras, era cartógrafa, fotógrafa e geógrafa, percorreu parte da Amazônia com seu marido Henri Coudreau (1895-1897) e, após a morte dele, ainda viajou pela região (1900-1903), para concluir alguns trabalhos iniciados por ele e realizar outros trabalhos segundo seus próprios interesses.

De acordo com Martinez (2012), as narrativas dessas mulheres e de outros/as viajantes trazem uma parte valiosa em suas bagagens, que são os “relatos das sagas empreendidas pelos quatro cantos do mundo” (MARTINEZ, 2012, p. 52). Com base nessas premissas, investiguei a história e os relatos de e sobre Emília Snethlage. A investigação preliminar produziu diversos resultados, por exemplo, constatei que ela fez doze viagens pelo interior da

Amazônia paraense. Os relatórios sobre suas viagens ao rio Tocantins e ao rio Xingu informam que realizou estudos sobre pássaros, especialidade a que sempre esteve dedicada, sem deixar, no entanto, de observar os ambientes e seus componentes, as gentes, as relações de propriedade e poder. Umhas poucas fotos de Emília apresentaram uma mulher de estatura mediana, cabelos presos e rosto sóbrio. Mas uma das fotos se destacou entre todas: a Emília e sua espingarda².

Emília teve uma trajetória de vida bastante interessante. Nasceu em 13 de abril de 1868, era filha de pastor protestante, perdeu a mãe ainda na infância, foi educada e letrada em casa pelo pai, da mesma forma que seus irmãos, pois moravam longe de escolas. Ao concluir sua formação básica, em 1890, trabalhou como preceptora (professora particular) na Alemanha, Suíça e Inglaterra durante dez anos, ocupação comum de filhas letradas de intelectuais sem fortunas. Naquela época esta era uma atividade que propiciava deslocamentos de mulheres para diferentes regiões, convivências com outras pessoas e um importante aprendizado em outras culturas.

Emília estudou história natural na Universidade de Berlim, em Jena e Freiburg na Breisgau, entre 1900 e 1904, onde enfrentou preconceitos e restrições por ser mulher e pobre (JUNGHANS, 2010, p. 7).³ Doutorou-se em ornitologia com orientação de August Weismann (1834-1914) que, à época, foi um expoente do darwinismo na Alemanha. Após doutorar-se, passou alguns meses trabalhando como assistente de Aton Reichenow, e a seguir candidatou-se a assistente de Zoologia do MPEG, por sugestão de Weismann e a convite de Emílio Goeldi, então diretor do Museu, em 1905.

No MPEG, Emília ocupou diversos cargos, ao longo de seus, aproximadamente, 16 anos de trabalho (1905-1921), à exceção do ano de 1917, durante a Primeira grande Guerra, quando foi afastada da direção do Museu, pelo governador Lauro Sodré, em consequência de sua nacionalidade alemã. Neste mesmo ano, foi demitida, em face de sua condição de cidadã alemã e devido à entrada do Brasil na guerra contra a Tríplice Aliança, da qual a Alemanha fazia parte.

Durante o período e seu afastamento da Instituição, Emília se ‘recolheu’ em um convento de freiras em Santo Antônio do ‘Prata’, localizado no atual Município de Tomé-Açu. Ao encerrar a guerra na Europa e após a assinatura do Tratado de Paz, que pôs fim às

² A espingarda era usada por ela para abater os pássaros escolhidos para estudo.

³ Segundo Junghans (2010) os preconceitos e restrições de acesso de mulheres às universidades na Alemanha eram muitos. Emília obteve permissão para assistir aulas como ouvinte até graduar-se. Ela era “obrigada a chegar quinze minutos antes do início da preleção, recolhendo-se atrás de um biombo”. Não lhe era permitido se manifestar nas aulas e só saía após um quarto de hora depois do encerramento das mesmas.

animosidades nacionais, foi recontratada em 1919, pelo Museu, para reassumir a direção durante os anos 1920 e 1921.

As ciências naturais ainda que área predominante nas atividades do Museu Goeldi no início do século XX ampliava seus estudos sobre a flora, a fauna e os solos, incluindo investigações arqueológicas e Antropológicas, possibilitando a Emília espaços para diálogos e reflexões para além da ornitologia, como cientista. Durante o período em que esteve nesta Instituição, Emília realizou investigações nas imediações da cidade de Belém, fazendo importantes registros sobre diversos aspectos de seu entorno e de suas gentes.

De acordo com as fontes e textos publicados sobre Emília, constatei que após selecionar, organizar e sistematizar informações dos acervos do MPEG, ela organizou inventários faunísticos e publicou, em 1914, a obra “Catálogo das aves amazônicas” e participou de uma rede científica internacional, na qual dialogou com Arton Reichenow (1847-1941), Carl Hellmayr (1878-1944), Ernst Harter (1859-1933), August Weimann (1834-1914), seu orientador, entre outros (SANJAD, 2013; CORREA, 2001).

Emília também deixou relatos sobre seus trabalhos de campo, nos quais descrevia, por meio de narrativas encantadoras, as paisagens dos rios, as “qualidades” das gentes, isto é a sua diversidade étnica, econômica e social, assim como seus diferentes hábitos e costumes, a multiplicidade de animais e das aves que conheceu, entre outras situações vivenciadas fora do MPEG, em tempos bons e maus. Registrou informações sobre áreas regionais de potencialidade da castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa*) e sobre a extração do látex das espécies de seringueiras (*Hevea brasiliensis*), particularmente no Sudoeste do Pará, assim como descreveu alguns expoentes senhores e senhoras donos de seringais, administradores de vilas e cidades, prósperos comerciantes, trabalhadores, famílias, além de ter ressaltado a agricultura que se desenvolvia nestes cantões.

As narrativas de Emília configuram-se em textos literários, nos quais o cotidiano, as interações sociais, políticas, culturais e, às vezes, econômicas se entrelaçam e compõem, criativamente, um universo no qual a sensibilidade, a harmonia e a vida adquirem cor, cheiro, sonoridade e sabor, temperados com pitadas de ironia, que ultrapassam os cânones da ciência, em especial das ciências naturais. A criatividade aqui se conforma na perspectiva colocada por Certeau (1994, p. 13): é “uma criatividade que se esconde num emaranhado de astúcias, silenciosas e sutis, eficazes, pelas quais cada um inventa para si mesmo uma “maneira própria” de caminhar pela floresta dos produtos impostos”⁴.

³ Michel de Certeau, ao discutir as artes de fazer, ou melhor do fazer conhecimento afirma que nem sempre nossos instrumentos de pesquisa refletem aos problemas institucionais e linguísticos sobre o que constitui a

A investigação sobre quem foi Emília Snethlage resultou bastante frutífera: Miranda-Ribeiro (1936), Lutz (1957), Correa (1995, 2001, 2003), Cunha (1989), Elias (1997), Leite (2007) Junghans (2008, 2009, 2010, 2011, 2013), Sanjad (2010, 2013), Duarte (2016) entre outros, ainda que em abordagens distintas, propiciaram diversas informações que elucidaram questões intrigantes, ao indicarem a sua extensa produção científica e a sua inserção no mundo científico local, nacional e internacional.

A documentação relativa à atuação de Emília como mulher e cientista, sobre sua postura e vestimenta e acerca de como se apresentava no trabalho e nas excursões científicas, em determinado contexto científico institucional e cultural que desqualificava as mulheres nas e para as ciências naturais, políticas e muitas vezes literárias, especialmente nos relatórios de campo, revelou também uma escritora com percepção e sensibilidade acurada. A prevalência do termo mulher antes de cientista se deve à sua aparente opção de se pautar por uma ‘performance’ que a identificava como tal: penteava-se, vestia somente saias longas e vestidos, mesmo nos trabalhos de campo, e se comportava segundo os padrões exigidos para as mulheres, à exceção do casamento. Sobre este último fato, ainda não encontrei nenhuma informação.

No que se refere à sua família, constatei que Emília mantinha correspondência com a família, informando sobre sua vida e descrevia aspectos de seu trabalho e de seus cotidianos.

A categoria mulher cientista utilizada no presente artigo decorre do fato de que a Instituição Museu Goeldi, ao contratar um profissional com a formação acadêmica exigida pelos cânones da ciência, das especialidades e das instituições o faz a uma pessoa adulta. Os critérios prioritários para a contratação de Emília foram o saber, o conhecimento, a titulação, a recomendação que detinha bem como, a recomendação associada ao aceite das condições e regras exigidas a todo cientista, em tese, independentemente do sexo, ainda que prevaleça, nas relações pessoais e profissionais, a carga dos preconceitos culturais.

A referida questão se coloca no âmbito da influência do discurso da pretensa ‘neutralidade científica’ nas atividades profissionais dos/as cientistas, dotando-os, subrepticamente, de uma identidade assexuada. Neste sentido, Emília, com suas saias longas, deveria ser tratada como cientista e, assim, sua qualificação sociocultural passa a ser definida pelo artigo ‘a ou o’. Este foi e é o mecanismo que subterfuja e assegura, por meio de convenções da sexualidade, uma pseudoneutralidade pessoal, que se reproduz e se mantém, mais ou menos, silenciosamente.

cultura em uma sociedade, por isso é necessário outros caminhos para encontrar os sujeitos e sua história mais próxima do real.

A ironia com que Emília se refere às discriminações presentes entre os cientistas foi relatada por ela ao comentar certo episódio de recebimento de uma correspondência com em conversas com o zoólogo Alípio Miranda Ribeiro, citado por Junghans (2010 *apud* ROQUETE-PINTO, 1940), em que este autor relembra as observações feitas por de Miranda-Ribeiro que a conheceu, informando que certo dia Emília comentou: “A maior satisfação que tive [...] foi receber uma carta com o endereço ‘Ao Snr. Dr. Emilio Snethlage’: isso convenceu-me de que havia feito trabalho de um homem” (JUNGHANS, 2010, p. 10).

Para Manuel-Navarrete (2001), um sistema de conhecimento pode definir-se como o código fundamental de determinada cultura, que constrói e configura uma episteme/práxis, que orienta a elaboração da ordenação empírica das práticas sociais de certo grupo, em uma história particular. A episteme, nesta perspectiva, adquire sentidos e significados, pois conforma a organização das relações entre as pessoas e entre sexos, e destas com o ambiente e onde vivem, de modo a permitir a um discurso ter sentido e significado sobre tais interações (MANUEL-NAVARRETE, 2001). O paradigma geral, à época, segundo o qual se conformava e estruturavam os múltiplos saberes científicos que, por esta razão, compartilhavam, a despeito de suas especificidades e diferentes objetos, algumas formas ou características gerais, repercutiam a antiga ideia de que as mulheres, biologicamente, são diferentes e, em tese, inferiores aos homens.

3 SUBVERTENDO FRONTEIRAS

Perrot (1998) afirma que o século XIX foi permeado pela influência de ideias iluministas e positivistas de maneira marcante e que a instrução educativa de homens e mulheres tornou-se necessária. A premissa segundo a qual a sociedade precisava ser educada, moralmente e cientificamente, possibilitou pensar-se que algumas mulheres também deveriam receber, ainda que restritamente, a educação para adaptarem-se a essa nova ordem. A educação feminina, neste período, esteve voltada para civilizar, moldar e moralizar a mulher, de modo que a levasse a incorporar os valores prezados pela sociedade burguesa patriarcal em vigor. A autora ressalta ainda que “o século XX pode ser considerado o princípio da era democrática para as mulheres”, pois foi o tempo de suas primeiras conquistas, como igualdade civil e jurídica; acesso à instrução, à ciência e ao trabalho profissional; mas, principalmente, a obtenção de espaço para representação e participação em quase todos os níveis de poder.

Ao longo do século XIX, a escrita, a pintura e outras artes possibilitaram a introdução de mulheres em alguns espaços-lugares públicos. Neste sentido, essas conquistas também tornaram as mulheres parcialmente públicas. O exercício da cidadania e a formação científico-profissional em todas as áreas do conhecimento, no século XX, ampliaram a inserção de mulheres em espaços-lugares, antes ocupados apenas por homens. Há, porém, certas 'zonas' que ainda resistem mais em relação a outras (PERROT, 1998).

Perrot (1998), ao indicar o século XIX como o tempo da inserção de mulheres em alguns espaços-lugares públicos, constatou muitas fronteiras ultrapassadas por algumas delas, por exemplo, o acesso ao letramento, pois lhes possibilitou o domínio da palavra e a sua circulação, que modelava a esfera pública, mais do que o espaço-lugar, tornando-o, gradativamente, também espaço para mulheres. Por meio da correspondência, literatura, pintura, música e pela imprensa, elas se inseriram em todas as formas de escritos. Obtiveram, assim, espaços na imprensa, principalmente em jornais, nos quais os rodapés eram reservados para seus escritos, cujos variados temas versavam sobre moral, bons costumes, moda, novidades, conselhos, narrativas de viagens, romances, mas também a defesa de direitos como ao voto. Os salões artísticos, literários e musicais ampliaram as possibilidades de as mulheres se fazerem presentes e se apresentarem segundo suas especialidades artísticas e intelectuais.

As universidades foram acessadas pelas mulheres, algumas das quais, já no início do século XX, tornaram-se cientistas e inseriram-se em instituições científicas, como Emília Snethlage, ainda que em condições extremamente restritivas. Muitas mulheres letradas viajaram por diversos continentes, voluntária ou involuntariamente, e relataram suas aventuras e cotidianos, suas pesquisas; organizaram movimentos sociais específicos, como o do sufrágio feminino; e também participaram de movimentos gerais, como as greves por melhores condições de vida e trabalho. Mas ainda existiam espaços-lugares públicos aos quais demoraram a ter acesso, por exemplo: parlamento, judiciário, academias de ciências, trabalhos de campo e alguns esportes.

Algumas fronteiras foram superadas na segunda metade daquele século, porém alguns lugares ainda continuaram a ser quase exclusivamente reservados a mulheres, além do domicílio: cozinhas de restaurantes, lavanderias, grandes lojas, salões de chá, algumas salas de leitura, pois ainda havia uma forte sexualização dos espaços-lugares de trabalho e de trabalhos. Estas fronteiras foram sendo lentamente superadas.

Perrot (1998) destaca também que, pelas palavras escritas ou não, as mulheres alçaram voos e se fizeram reconhecer como sujeitas da história realizando suas próprias histórias. Segundo a autora, foi por meio, principalmente, da palavra escrita por mulheres e de sua

circulação que elas conquistaram o reconhecimento pela sociedade da capacidade intelectual feminina e de sua autonomia como pessoa na esfera pública. As mulheres, principalmente as ‘mulheres intelectuais’, por meio da escrita de correspondências, textos literários ou de outro teor, inseriram-se em todas as formas de escritas, em diversas esferas públicas consideradas masculinas, a exemplo do que ocorreu com Emília Snethlage.

A história de vida de Emília demonstra que ela rompeu inúmeras barreiras e fronteiras culturais e sociais, obteve a condição de letrada e intelectual, além de reconhecimento como cientista. Conforme mencionado, ela foi a primeira mulher a dirigir um Museu de História Natural e Etnologia na América Latina, à semelhança de Alma Whittaker, filha de um biólogo, personagem principal do romance *Assinatura de todas as coisas*, de Elizabeth Gilbert (2013), que relata a vida de Alma como diretora do Jardim Botânico criado por seu pai nos Estados Unidos (EUA). Cabe salientar, sobre Emília Snethlage, que encontrei relatórios, correspondências e outros poucos documentos padronizados e formais, mas nada específico à sua vivência como diretora do MPEG. Em relação aos periódicos locais (jornais e revistas), tomei conhecimento de algumas matérias que a criticavam.

4 NARRATIVAS E RELATOS

A leitura dos relatórios de campo de Emília Snethlage me foi gratificante. Para este artigo selecionei os textos escritos por ela sobre a viagem ao Rio Tocantins, que se destacaram por sua temporalidade e pela temática relacionada ao recorte de pesquisa proposto, por diversas razões: são narrativas do cotidiano das atividades de uma cientista estrangeira, que realizou pesquisa de campo e a relatou por meio de uma escrita que transita entre a literatura e as regras e normas da Ciência Natural, sem perder a essência da informação técnica na forma literária, dialogando com produção científica existente, à época, contribuindo com seus registros para a História, Antropologia e outras áreas de conhecimento.

Segundo Ricoeur (1994, 1995, 1997, p. 85), “a narrativa é um relato da experiência perceptiva sistematizada a partir da dimensão e concretude do viver, sendo percebida pelos sentidos” (fisiológicos), Busca apreender os sentidos socioculturais dos acontecimentos no tempo e lugares, isto é, na própria historicidade (RICOEUR, 1994; 1995; 1997). Nesse sentido, a narrativa passou a ser um ato de elaboração de inteligibilidade do “acontecer” vivido. O ato de narrar a experiência perceptiva como parte integrante da experiência humana, situando-a no processo de produção de conhecimento, como forma de expressão da primeira

relação significativa entre as coisas e acontecimentos sobre os quais se elabora e aplica a reflexão, expressa uma anterioridade do vivido ao que é relatado, isto é, uma subordinação do plano linguístico à experiência concreta dos sujeitos.

Para o referido autor, a experiência vivida e os seus relatos são elaborados e comunicados, inicialmente, por meio da oralidade, tendo como referência a temporalidade do acontecido e vivenciado, ou seja, apresenta uma base comum: o seu caráter temporal. Nesta perspectiva, a narrativa se constrói na reflexão e se expressa na oralidade, podendo ser apreendida como narração ou narrativa. A narração, como ato de narrar, expõe e descreve o fato vivido e, assim, constitui “a expressão de um ser coletivo, resultante da interação entre narrador e ouvinte/leitor” (RICOEUR, 1994, p. 85).

No processo de elaboração do narrar, a interpretação do que ocorre é apreendida do plano lógico do “evento” acontecido e desloca-se para o plano da dimensão social do cotidiano, construindo sentidos e promovendo significados sociais. O cotidiano compõe o relato, nesta circunstância, como a dimensão do viver, no qual se integram e interagem vários eixos temporais, referidos às experiências concretas de indivíduos e à perspectiva que esses indivíduos constroem sobre as experiências, recuperando, para a história, dimensões da vida individual e coletiva que tiveram significações modificadoras do viver.

Na perspectiva da Semântica Cognitiva proposta por Campos (2007), a elaboração da narração do(s) acontecimento(s) é operacionalizada mentalmente como uma interpretação que ocorre no plano lógico do viver o cotidiano; como uma elaboração discursiva de um enredo, apreendendo as multiplicidades temporais das vivências; e como manifestações das dimensões perceptivas e de sentimentos relativos às circunstâncias em que as situações reais são experimentadas, possibilitando, assim, a emergência de vozes diferenciadas, como expressão do coletivo, resultantes de uma cultura comum (CAMPOS, 2007, p. 346). De forma interpretativa, a narrativa enuncia e anuncia a apreensão dos sentidos dados ao “mundo”, de tudo que nele existe e do viver de quem narra e de quem “escuta”, constituindo-se, desta maneira, certa unidade de sentidos, que passam a operar com significados, e que registram, na memória individual e/ou coletiva, ao serem dados como o historiar das suas vivências.

Vanina (2010), ao discutir a construção (criativa) do significado, esclarece que o processo dessa construção se realiza na percepção da intencionalidade da narração. Trata-se, pois, da interpretação do vivenciado, por meio do qual se constrói uma realidade constituída de sentidos mental e operacional para o que foi apreendido e percebido no real, tornando-o significativo como forma experienciada. A linguagem, assim, é um meio de organizar, construir e interpretar o conhecimento experiencial acerca do mundo vivido. Desse modo, o

significado atribuído ao mundo e ao viver nele, bem como aos acontecimentos experienciados de diferentes maneiras, que devem ser entendidos nas perspectivas mental e linguística, com a finalidade de descrever, explicar e dar sentido à interpretação das intenções dos falantes, para explicitar como os significados se constroem durante o falar/narrar.

A narrativa histórica busca recuperar aspectos da vida em sociedade, especialmente os considerados esquecidos, ou que tenham necessidade de serem revistos, em face de emergência de novas informações ou interpretações. Haja vista tratar-se da elaboração de uma narrativa de acontecimentos como ausência, isto é, geralmente silenciada na e pela historiografia, a narrativa será uma forma de ordenar ‘cenas’ organizadoras da história, a fim de possibilitar sua simbolização por meio da escrita, a qual passa pelo processo de cognição e imaginação. Assim, a construção de algo desaparecido e desconhecido implica “a discussão das relações entre o simbólico e o imaginário e entre a história e a ficção”, de acordo com Cardoso (2000, p. 3).

Para a análise dos textos dos relatórios de viagem de Emília Snethlage, adotei a tese segundo a qual os relatórios de suas viagens ao rio Tocantins, aos rios Xingu e Tapajós e outros rios, se inserem no conceito de literatura como arte. “Arte” é uma palavra que circunscreve dois conceitos relacionados, porém distintos: um, mais restrito, se refere à arte como obra de arte, já avaliada por pares, circunscrita na história da arte e localizada em instituições artísticas; o outro, mais amplo, concebe a arte como o conjunto de atos criadores ou inovadores presentes em qualquer cultura humana. A arte literária é a que cria, pela palavra, uma ‘imitação’ da realidade na linguagem narrativa. Sendo assim, não é a forma, mas a natureza do conteúdo da obra que identifica a arte literária.

A presente interpretação apoiou-se no conceito de arte como ato criador para a análise dos relatos em questão: o diário da viagem ao rio Tocantins (1907) e o diário sobre a travessia entre o Xingu e o Tapajós (1909), considerando-os prosas literárias. No presente texto, detenho-me no diário de viagem ao Rio Tocantins⁵. A prosa é o estilo mais utilizado na linguagem do cotidiano, para expressar o pensamento racional e emocional como arte narrativa. Ao considerar a arte como experiência humana de conhecimento estético, sua representação transmite e expressa ideias e emoções na forma de um objeto artístico, seja este objeto desenho, texto, pintura, escultura, arquitetura, foto, poema etc., que possui, em si, o seu próprio valor.

⁵ O diário e os relatos sobre a viagem aos rios Xingu e Tapajós e à Ilha do Marajó serão utilizados em outra pesquisa.

Nesta perspectiva, a prosa é o texto no estilo natural, sem a sujeição às convenções que imperam no domínio da poesia (rima, ritmo, métrica, sílabas, musicalidade), e se inclui na arte literária, assim como os contos, crônicas, novelas, romances, cartas, ensaios, além dos textos acadêmicos, jornalísticos e publicitários, que também são escritos em prosa. Trata-se, assim, do estilo mais utilizado na linguagem do cotidiano, especialmente adequado para expressar o pensamento racional, dado os atributos analíticos e objetivos de sua forma discursiva.

Desse modo, reconhecem-se duas modalidades de prosa: a literária e a não literária. A principal característica da prosa literária está na dinâmica do texto e das imagens invocadas, seguindo um processo semelhante ao encontrado no romance ou no conto. Emília recorreu a figuras típicas da poesia, como a metáfora, a zeugma, a elipse, e a sonoridade das frases e, algumas vezes, utilizou-se da ironia, o que lhe permitiu, também, narrar o pitoresco e o dramático. O uso destes elementos é subordinado ao alongamento da narrativa, cuja tendência é o olhar lírico sobre a realidade e sua expressão na escrita. Esta prosa é gerada pelo impulso poético aos sentimentos de alegria, ternura, tristeza, saudade e outros, tendo como essência a liberdade formal atrelada à concisão da narrativa.

Nos textos selecionados para o presente artigo, Emília abordou: as embarcações pelas quais viajou (em vapor, barco, igarité); os rios, igarapés, cachoeiras e outras águas; as florestas e a flora; os solos; as cidades, as vilas e os lugares por onde esteve; as paisagens e os relevos, as pessoas com quem conviveu, ao longo das jornadas, em que destaca suas condições econômicas, influência política, ocupações, etnias, costumes; especialmente, destaca o seu auxiliar de jornadas, Oscar Rodrigues Martins (na viagem ao rio Tocantins). Além disso, os cotidianos foram também relatados de modo a permitir rever distintas situações vivenciadas, como encantamento, estranhamentos, perigos, medo, alegria, tristeza, fome, febres, andanças, passeios, cansaços etc.; o tempo e os tempos de sol, chuva, enchentes, vazantes, as noites, o amanhecer e o anoitecer, o banhar, o dormir, o alimentar, as descobertas e a confirmação de suas hipóteses científicas.

5 PROSEANDO E ESCREVENDO

Nos textos do relatório sobre a viagem ao rio Tocantins realizada entre 21 de abril e 17 de maio de 1907, Emília inicia a sua narrativa com informações sobre a embarcação “o pequeno Araguaia”, barco a vapor pertencente à Companhia Tocantins-Araguaia, que fazia a

navegação no rio Tocantins entre Belém e Alcobaça (atual Tucuruí). Ela descreve a rota fluvial que o barco segue pelo rio Moju, e destaca as suas dimensões: “Chamou-me novamente atenção a enorme largura do Moju, que pertence, vejamos só, ao grupo dos rios pequenos, ou melhor ao grupo dos menores rios que existem aqui” (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 199). Na sequência, organiza a sua narrativa com descrições sobre o que observa nas margens. No momento em que se refere à paisagem das margens, em especial das ilhas pelas quais passou, descreve os agrupamentos dos miritizeiros (*Mauritia flexusa*) que dominam os ambientes e a sua uniformidade em altura, destacando a origem e densidade desta planta. Ao refletir sobre a sua colonização local, informa como ocorre a sua origem pelo movimento criador das águas.

[...] e fiquei então pensando como podia ter-se dado a colonização das plantas, no momento em que o próprio braço do rio me apresentou a solução na forma de enormes quantidades de frutas as mais diversas, mas, sobretudo, de amêndoas de palmeira que flutuavam na água. Da mesma forma como o Amazonas, juntou uma porção de aluvião. Ficou claro que ele próprio a semeou ao mesmo tempo. A distribuição regular da vegetação por extensas áreas é naturalmente estimulada pelas fortes vazantes e enchentes que ocorrem aqui (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 199).

No dia 22 de abril, a embarcação passou ao largo de Mocajuba, lugarejo aprazível à margem direita, que indicava a mudança da paisagem, pois sugeriam ribanceiras altas, “paredes de cascalho quase verticais e um banco de barro vermelho fortemente entrecortado”. Perspicazmente, também enunciava a força transformativa das águas na Amazônia, em especial nos períodos chuvosos:

Inclusive, não só aqui, mas também em todo o trecho subindo o Tocantins, podia-se estudar o outro lado do trabalho da água – a ruptura continuada da terra. Com a forte subida do nível da água destes dias, as margens estão ruindo em muitos pontos e a correnteza trouxe flutuando frutas e grande quantidade de madeira (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 199).

Ao se deparar, ainda no barco Araguaia, com o rio Tocantins, Emília expressou seu encantamento ao perceber a complexidade que se lhe apresentava: águas, ilhas e vegetação compondo uma paisagem ainda não conhecida por ela.

Foi muito lindo entrar do estreito canal para o majestoso Tocantins, largo e cheio de ilhas. As ilhas apresentavam, igualmente, todos os estágios possíveis de formação, desde a aluvião baixa que emergiu recentemente da água com arbustos esparsos e

aninga (*Montrichadia linifera*) até ilhas de mato repletas de monumentais arvoredos antigos, que representam um estímulo tão representativo para o baixo Amazonas (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 199).

Emília organizou sua narrativa ao longo da viagem com abordagens sobre temas relativos ao seu cotidiano, com especial atenção às cidades do Pará, aos lugares e às vilas de Arumateua, estação no Km 25, e Alcobaça (Tucuruí) no Km 0, e à Ferrovia Tocantins-Araguaia, que foi construída para contornar a área encachoeirada do rio Tocantins⁶. Ela destacou as paisagens, os relevos, a vegetação, as águas e os pássaros.

Emília deteve particular atenção às pessoas com quem conviveu ao longo de suas jornadas. Ao se referir a essas pessoas, destaca suas condições econômicas, influência política, ocupações, etnias e costumes, sem, no entanto, se esquecer de seu mencionado auxiliar de jornadas, Oscar Rodrigues Martins, ajudante e preparador de aves que a acompanhou na viagem ao rio Tocantins.

Em termos específicos acerca de sua pesquisa sobre as aves da região, registrou o seguinte:

Apesar das condições externas adversas, a caça está bem satisfatória. Uma verdadeira região de colibris! Ontem, o Oscar já me trouxe a rara *Acovettula recurvirosta*, com seu bico recurvado para cima, e a bela *Heliothix auriculata* parece comer com muita frequência no “sertão” de arbusto baixo atrás da vila. Papagaios e araras passam voando por sobre a mata e o rio, numa quantidade que eu nunca tinha visto. A bela *hyacinthina* parece ser muito comum por aqui (SNETHLGE, 1907, *apud* SANJAD, 2013, p. 202).

Ao narrar a viagem na embarcação, Emília identifica alguns viajantes que haviam embarcado em Belém e outros, quase todos estrangeiros, envolvidos na construção, na administração da ferrovia e na linha de navegação fluvial Belém-Alcobaça. Ela estabelece relações e interações observativas sobre tais viajantes.

A bordo estavam, além de mim, dois engenheiros franceses e um geômetra da Companhia Tocantins-Araguaia, com sede em Alcobaça (Tucuruí) e a qual pertencem também, os vapores. O Mr. Villain, diretor da Companhia, colocou-se muito gentilmente à disposição para me ajudar no que eu precisasse, o que será de grande valia, sobretudo numa excursão posterior.

⁶ A ferrovia Tocantins-Araguaia foi construída nas últimas décadas do século XIX e início do XX, sob os auspícios da comercialização do látex. Essa ferrovia, cuja extensão era de 117 Km, teve como finalidade ser alternativa de transporte de cargas, contornando as cachoeiras daquela parte do rio Tocantins; possuía as seguintes estações: Alcobaça (Km 0) e Jatobal (Km 117), intercaladas pelas estações Arumateua (Km 25), Breu Branco (Km 45), Independência (Km 53), Pucuri (Km 68), Quilometro 82 e Remanso (Km 97). As atividades desta ferrovia foram encerradas em 1972 e em 1974 teve seus trilhos arrancados.

O outro engenheiro francês vinha com a jovem esposa, loira, simpática, parecendo uma perfeita alemã e que pela primeira vez deixava a França.

Em Alcobaça subiu a bordo junto com a esposa o médico da companhia, o Dr. Poucy, franco-suíço para quem eu tinha uma carta de recomendação do Dr. Huber ⁷. Ali ficamos por muito tempo e, a convite do Dr. Poucy, juntei-me a eles para ir à terra (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 200).

Durante sua estada na região do rio Tocantins, Emília ficou hospedada na casa do senhor Mundico Rocha, por recomendação do senhor Gruner, cônsul da Alemanha no Estado do Pará, à época. A convivência com o senhor Mundico e família foi uma experiência complexa, mas satisfatória.

[...] entreguei a carta de recomendação do Sr. Gruner nas mãos do Sr. Mundico Rocha, o latifundiário e atacadista do baixo Tocantins. Um idoso simpático, gordo e de cabelos grisalhos e encaracolados! Como de costume, fui logo recebida com uma “minha casa está às suas ordens” e desembarquei minha bagagem. Contudo, após pensar um pouco, o bom Mundico sentiu muito calor; a mulher estranha o deixou meio amedrontado e ele então – de forma mais delicada possível – alertou-me sobre o clima perigoso e a maré alta, dizendo que por nada permitiria sairmos naquela hora para fazer coleta. Talvez o principal motivo tenha sido o fato, de que a colheita da seringa está a pleno vapor, o seu pessoal e ele próprio estão muito ocupados e ele temia que eu pudesse fazer muitas exigências (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 201).

Após uma semana em Arumateua, Emília relata algumas informações sobre a vila e o seu trabalho. Muitos foram os temas sobre os quais escreveu: o casario da vila, as paisagens, as águas, os lamaçais, as febres, o encontro com símios, o uso da inseparável espingarda, os banhos de igarapés, as revoadas das araras, as caminhadas ao luar e o lazer promovido pela família do senhor Mundico Rocha. Desta parte do relatório, selecionei alguns trechos que expressam emoções distintas:

A água é de uma cor quente, escura e verde-marrom: o céu de um azul profundo, parcialmente coberto de cirros curiosamente reluzentes e cúmulos maciços. Mas, com certeza, o brilho, a força das cores e plenitude de nuances, destacados com recursos tão simples, é o que empresta à paisagem tropical do Amazonas um mágico e incomparável fascínio (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 2001).

Continuo aqui em Arumateua, com o tempo tomado de trabalho, mas que também é muito prazeroso. A pequena vila se localiza numa margem bastante alta, uma única fileira de casas, todas pertencentes ao meu anfitrião Mundico. O prédio principal, simples e com um só andar, como as demais casas, é compridíssimo, e é preciso dar uma boa caminhada para ir do meu quarto, situado mais extremamente, até a sala de

⁷ Jackes Huber.

jantar (que também é cozinha, na outra extremidade) (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 2002).

Toda hora eu via nas copas de árvores acima de mim uma cabecinha espiando, que recuava espavorida toda vez que eu parava. No entanto, elas não precisavam temer minha espingarda. Acho que teria mais coragem de atirar numa pessoa do que num macaquinho (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 2002).

Uma nova diversão para mim – uma das maiores que conheço – é ficar observando as grandes araras, que ocorrem em grande número. Não existe nada mais lindo do que ficar olhando esses bichos maravilhosos com suas cores vermelha e azul reluzentes nas copas verdes, onde elas sobem e descem pelos galhos com movimentos vagarosos e, de vez em quando, soltam gritos ásperos (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 2003).

O Mundico nos mandou – isto é, a mim, à mulher dele, às crianças, uma porção de criados, redes e café da manhã – no barco para um baixo a montante, conhecido como praia, uma faixa larga de duna que se estendia defronte à mata virgem propriamente dita, somente com alguma vegetação esparsa de touceira de árvores ou arbustos em meio a pequenos charcos. Ali, sob a sombra de uma árvore, fiquei deitada na areia fria e alva quase o dia inteiro, contemplando da praia amarela a água e a mata, ao longe as rajadas prateadas da cachoeira, que lançava borrifos rumo ao céu, e olhando para o azul por entre os ramos verdejantes. Trouxe a espingarda, mas ela ficou quieta o tempo inteiro (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 2004).

A bordo do Araguaia, Emília viajou para Alcobaça no dia 9 de maio de 1907, onde realizou as últimas semanas de pesquisa de campo. Ficou hospedada em um “quarto-escritório”. Ela descreveu a localidade de Alcobaça e as construções em curso ali, na perspectiva de uma transformação da floresta em algo que refletisse a modernidade e o progresso daquela época. Nesta localidade reencontra os estrangeiros com os quais viajara no início de sua jornada ao Tocantins.

Alcobaça (Tucuruí) nada mais é do que uma grande clareira no meio da mata (isto é, lógico que em um lado se encontra o rio). Além da casa de madeira do Dr. Oucy, onde me hospedei e que parece um palácio perto das outras, situada em terreno mais elevado, bonita e toda avarandada, os arredores da localidade até agora contam com uma capelinha e só mais alguns barracos mais ou menos primitivos.

No entanto, o ritmo de construção é intenso: um hospital gigantesco (estrutura de ferro) está quase concluído e há poucos dias todos estavam ocupados em erguer grandes dormitórios, nos quais devem morar os trabalhadores que estão para chegar. Na realidade, eram 1.800 chineses inscritos, visto que eles, no último minuto, foram proibidos de viajar pelas autoridades chinesas, o Sr. Villain ocupou-se de procurar substitutos aqui no Pará (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 205-206).

Em relação às suas atividades de pesquisa, Emília afirma que não enfrentou dificuldades, ao contrário, pôde se movimentar livremente e teve apoio em todos os aspectos para realizar seus trabalhos, ainda que dependesse tempo para conviver com seus conhecidos estrangeiros. E, ainda, relatou seu encanto pelas castanheiras do Pará que podia observar.

No mais, a situação era muito confortável, pois, quando chegava à casa, quase sempre morta de fome, como num passe de mágica, encontrava minha mesa pronta. O Duquet é uma pessoa singular: de procedência franco-haitiana, muito inteligente e versátil, um grande teórico, idealista de marca maior, herança socialista. Em sua vida acadêmica na Europa, ele também atuou na geologia com Lapparent, em Paris, e contribuiu muito em relação às minhas pedras (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 206).

No lado voltado para o rio, o terreno fica ainda mais elevado e proporciona uma visão geral da riqueza de formas das copas, entre as quais as das castanheiras (*Bertholletia excelsa* Bonpl) são, sem sombra de dúvida, as mais interessantes. A finura e a altura enorme, a ramificação nodosa da linda copa, a folhagem larga entremeada de enormes frutos – uma das formas arbóreas mais lindas que conheço (SNETHLGE, 1907 *apud* SANJAD, 2013, p. 207).

Para finalizar a narrativa de Emília em sua jornada pelo rio Tocantins, cabe-me ressaltar que sua pesquisa em ornitologia rendeu ao acervo do MPEG 171 aves, entre as quais, seis novas espécies, conforme observação de Sanjad (2013).

Os textos do relatório de viagem ao rio Tocantins de Emília Snethlge se inserem na discussão historiográfica, na medida em que apresentam, para historiadores, um relato da sociedade e ambientes que se configuravam sob a batuta da extração e comercialização do látex, no início do século XX, na Amazônia paraense. Destacadamente, os esforços realizados para a transformação modernizadora da Amazônia se instituíram como marcos das ações políticas do Estado, assim como a presença de especialistas estrangeiros na condução de empreendimentos de envergadura, como a construção de ferrovias na floresta, portos de embarque nos rios, a vinda de trabalhadores migrantes etc., que indicam os esforços para assegurar a interação e inserção da região ao mercado nacional e mundial.

E não se pode omitir que o lazer preferido de Emília, registrado por ela, de maneira sutil, entre outros temas, era o ‘jogo paciência’ com seu baralho alemão. A sua espingarda só era usada para abater os pássaros, que seriam empalhados para as coleções do MPEG, ainda que ‘permitisse dar asas’ à imaginação de quem a encontrava com a arma pendurada no ombro, ou descansando sobre suas pernas, ao sentar-se.

REFERÊNCIAS

AGASSIS Louis e AGASSIS Elizabeth. **Viagem ao Brasil**: 1865 – 1866. São Paulo: Editora USP, 1975.

BOLETIM DO MUSEU GOELDI (MUSEU PARAENSE) DE HISTÓRIA NATURAL E ETHNOGRAFIA, TOMO VI, 1909. Pará, Belém: Estabelecimento Gráfico C. Wiegandt, 1910.

CAMPOS DA COSTA, Jorge. The sciences of language: communication, cognition and computation. *In*: AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa (org.). **Innovation and interdisciplinarity in the university**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CARDOSO, Irene. Narrativa e história. *Tempo social*. **Sociologia**. USP, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 3-13, nov. 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes do Fazer. Petrópolis, 1994.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens**: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A editora-FAPERJ, 2002.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. *In*: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CORREA, M. A Doutora Emília CORREA e o detalhe etnográfico. *In*: FAULHBER, Priscila; TOLEDO, Peter de (Orgs). **Conhecimento e Fronteira**: História da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001, p. 161-179.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogas & antropologia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CORRÊA, Mariza. A Doutora Emília e a Tradição Naturalista. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: IFCH-UFRGS, v.1, n. 1 p. 37-46, 1995.

COUDREAU, Henri. **Viagem ao Xingu 1896**. Tradução Eugênio Amado. São Paulo: Ed. Universidade, 1977.

COUDREAU, Marie-Octavie Otille. **Voyage au maicuru**: 5 juin 1902 - 12 janvier 1903. Paris, França Editora: A. Lahure, 1903.

COUDREAU, O. **Voyage au Cuminá**: 20 de avril 1900-7 septembre 1900. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1901.

COUDREAU, O. **Voyage a la Mapuerá**: 21 de avril 1901-24 décembre 1901. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.

CUNHA, Oswaldo Rodrigues da. Maria Elizabeth Emilia Snethlage. *In*: Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Goeldi, I. Belém: **Museu Paraense Emílio Goeldi**, p. 83-102. 1989.

DIXIE, Florence. **Across Patagonia**: 1880. Gran Bretaña: Bentley, Edinburgh, 1880.

DIXIE, Florence. **Através de la Patagonia**. Tradução de María Teresa Velasco e Rosanna Martelli; apresentação e notas de Mateo Martinic. Punta Arenas: Ediciones de la Universidad de Magallanes, 1996.

DUARTE, Regina Horta. **Biologia militante**: o Museu nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DUARTE, Regina Horta. **Activist biology**: the National Museum, Politics, and National Building in Brazil 1920-1930s. Arizona: University of Arizona; Latin American Landscapes, 2016.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GILBERT, Elizabeth. **A assinatura de todas as coisas**. Rio de Janeiro: Editora Alfabeta, 20013.

JUNGHANS, Miriam. Emília Snethlage (1868–1929): uma naturalista alemã na Amazônia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.243-255, jun. 2008.

JUNGHANS, Miriam. Avis rara: a trajetória da naturalista alemã Emília Snethlage (1868-1929) no Brasil. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

JUNGHANS, M. Emília Snethlage (1868-1929): o heroísmo como estratégia de legitimação da ciência. In: **CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO**, 8., 2010, Curitiba. Anais... Curitiba: UTFPR, 2010. Disponível em: <http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo/cd/E2_Em%C3%ADlia_Snethlage.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

JUNGHANS, Miriam. Abrindo as gavetas: Emília Snethlage (1868-1929) e as coleções ornitológicas do Museu Goeldi e do Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1922. In: LOPES, MM., and HEIZER, A., orgs. *Colecionismos, práticas de campo e representações* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. **Ciência & Sociedade collection**. ISBN 978-85-7879-079-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 16 out. 2019.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Natureza e naturalistas. USP, **Labi-Nime 2002**. Disponível em: <http://www.imaginario.com.br> Acesso em 28 de setembro de 2007.

MARTINEZ, Monica. Narrativas de viagem: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. **Intercom – RBCC-36**, São Paulo, v.35, n.1, p. 35-52, jan./jun. 2012.

MANUEL-NAVARRETE, David. **Approaches and implications of using complexity theory for dealing with social systems**. Apresentado am taller Conservation and sustainable

Development. Comparative perspective al the Centre Comparative Research. New Haven: Universidad de Yale, 2001.

MIRANDA RIBEIRO, Alípio de. Notas ornithologicas (VI-a). **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 3. 1928.

MULHALL, Marion McMurrough. **Beginnings or glimpses of vanished civilizations**. California: University of California: Longmans, Green and Company, 1911.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **As Mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Snethlage - alma de mulher e de sabia. **Ensaio brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 88-90, 1940.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994; 1995; 1997. p. 85. v.1; 2; 3.

HELL, V. **A Ideia de Cultura**. Tradução Halumi Tateyama Takahashi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SANJAD, Nelson. **Emílio Goeldi (1859-1917): a ventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil**. Rio de Janeiro: EMC. 2009.

SANJAD, Nelson. Emílio Goeldi (1859-1917) e a institucionalização das ciências naturais na Amazônia. **Revista Brasileira de Inovação**, v.5, n.2, p. 455- 477, jul.- dez. 2006.

SANJAD, Nelson. **A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907**. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. [Publicada como A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907). Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2010.] 2005.

SANJAD, N. Emília Snethlage (1868-1929): um inédito relato de viagem ao rio Tocantins e o obituário de Emil-Heinrich Snethlage. **Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**. Belém: v. 8, n. 1, p. 195-221, jan./abr. 2013.

SANJAD, Nelson; SNETHLAGE, Rotger Michael; JUNGHANS, Miriam; OREN, David Conway. Emília Snethlage (1868-1929): um inédito relato de viagem ao rio Tocantins e o obituário de Emil-Heinrich Snethlage. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, n. 1, p. 195-221, jan.-abr. 2013.

TRISTAN Flora. **Peregrinações de uma Pária**. Florianópolis: Edunisc, 2000.

VANINA, A. A. A construção (criativa) do significado: processos inferenciais e blending. **Ciência e Cognição**, 2010; v. 15, n. 2, p. 77-93, 2010. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 14 out. 2019.

